

## **LOUIS ALTHUSSER: Aparelhos Ideológicos de Estado e a Escola.**

**Prof. Dr. Marcos Cassin**

### **Alguns dados biográficos de Louis Althusser:**

Louis Althusser<sup>1</sup> nasceu em 16 de outubro de 1918, na cidade de Argel, no distrito de Birmandrêis. Seu pai, Charles Althusser<sup>2</sup>, era bancário, começando como contínuo e ao se aposentar, ocupava a vice-diretoria do banco na cidade de Lyon. Sua mãe, Luciene Berger era professora, mas ao se casar deixou de exercer a profissão para cuidar dos filhos. A família de Louis Althusser se completava com sua irmã mais nova de nome Georgette.

Althusser viveu sua infância na capital da Argélia. De Argel, mudou-se para a cidade de Marseille, em 1930. Seu pai havia recebido uma promoção no banco e foi transferido para esta cidade, onde fez seu curso secundário, no Liceu Saint-Charles, vivendo nesta cidade até 1936.

De Marseille mudou-se para Lyon (novamente seu pai tinha sido transferido); nesta cidade, fez o curso preparatório, no Liceu do Parc, para a **Escola Normal Superior**. Neste período participou dos círculos católicos conservadores da cidade. Em agosto de 1939, passou no concurso de ingresso para a Escola Normal Superior, em Paris. Apesar de aprovado, Althusser, não ingressou devido à convocação para servir, como soldado, na guerra que havia iniciado. Como soldado, deslocou-se para o norte da França e lá, foi feito prisioneiro e levado para a Alemanha, onde permaneceu até o final da guerra em um campo de concentração. Na prisão, tomou contato com o marxismo através do francês Pierre Corrèges.

Ao ser libertado, voltou para Paris e ingressou na Escola Normal Superior, seis anos depois da aprovação no concurso. Nessa instituição, trabalhou mais de trinta anos como professor e secretário.

Na Escola Normal Superior, conheceu Georges Lesèvre, um ex-aluno de Lyon, que como ele, tinha-se atrasado no ingresso à escola, por ter participado da resistência

---

<sup>1</sup> □ Louis Althusser recebeu o mesmo nome de seu tio morto em combate na primeira grande guerra, que era noivo de sua mãe (Luciene).

<sup>2</sup> Charles, também combatente, em uma de suas licenças substituiu o compromisso do irmão, casando com Luciene.

francesa durante a guerra. Através dele, Althusser entra para a juventude republicana e também por meio dele, vai conhecer Hélène, socióloga e militante comunista que participou da resistência francesa durante a 2ª Guerra Mundial.

Com Hélène, sua futura esposa, oito anos mais velha do que ele, vai ter sua primeira relação sexual, aos 29 anos, experiência que o leva a uma profunda depressão, a primeira de sua doença mental, que o fez passar alguns meses internado, no hospital Saint-Anne, em tratamento à base de eletrochoque: sofria de psicose maníaco-depressiva.

Em 1948, entra para o **Partido Comunista**. Este ano também é marcado pela sua aprovação, no exame da “agrégation” da Escola Normal Superior, tornando-se portanto, professor titular. Nessa, sua vida intelectual foi construída, desenvolvida e encerrada com o trágico episódio de 1980, o assassinato de Hélène.

Conheceu e conviveu com grandes pensadores de sua época, na França. Foi aluno de Desanti e Merleau-Ponty, polemizou com Sartre, foi amigo de Lacan, Foucault e Poulantzas, se inspirou em Cavailles e Canguilhem, entre outros. Em seus primeiros anos de escola, era grande conhecedor do pensamento de Descartes, Malebranche, Pascal, Platão e um pouco de Hegel, Kant, Bachelard, Rousseau, Spinoza e Bergson. Quanto a Marx, ao entrar para a escola, tinha pouco conhecimento, mas em pouco tempo passou a ser um grande conhecedor de sua obra.

Em 1962, passou a colaborar no periódico “La Pensée”. Com a publicação em 1965 dos livros “Por Marx” e “Ler O Capital”, é reconhecido como pensador marxista.

Althusser escreveu e publicou vários livros, artigos, notas que parte significativo só foi a público depois de sua morte na cidade de Paris em 22 de outubro de 1990 de ataque cardíaco. Sua obra é marcada em dois momentos, segundo Adolfo Sánchez Vásques como também Antonio Negri, a primeira dos primeiros texto e a segunda os escritos a partir de 1967/68. Nesse sentido, passa a ser mais compreensivo a marcar de sua obra marcada por polêmicas, retificações e ratificações de tópicos como filosofia, corte epistemológico, humanismo, determinação histórica e outras polêmicas criadas no interior, e fora, do marxismo.

### **Sobre a Ideologia:**

A questão da ideologia aparece de forma mais sistematizada pela primeira vez na obra de Althusser no texto “Aparelhos Ideológicos de Estado” publicado em 1971 e depois de sua morte no livro “Sobre a Reprodução” em 1999, no Brasil, sendo esse último, a integra dos manuscritos de onde foi retirado partes que compuseram o primeiro texto.

Nesses dois textos a questão da ideologia aparece no final das obras, aqui me proponho apresentar sua discussão antes de entrarmos no que se refere aos AIE e a escola por entender que didaticamente faz mais sentido a apresentação da concepção de ideologia para depois expormos o que são os AIE e a Escola como uma das instituições que compõe o Aparelho Ideológico de Estado Escolar.

Louis Althusser inicia afirmando a necessidade do marxismo formular uma teoria da ideologia em geral marxista, Althusser “arrisca” esboçar um esquema que contribua, inicialmente, para tal desafio. Nesse sentido, o autor é bastante cuidadoso ao apresentar as teses que coloca, alertando o leitor para os limites de suas formulações.

Eu gostaria de correr o risco considerável de propor, a esse respeito, um primeiro e muito esquemático esboço. As teses que apresentarei não são, com certeza, improvisadas, mas não podem ser defendidas e submetidas à prova, isto é, confirmadas ou invalidadas a não ser com estudos e análises muito longos que, talvez, sejam provocados pelo enunciado dessas teses. Portanto, peço ao leitor uma extrema vigilância e, simultaneamente, uma extrema indulgência em relação às proposições que vou arriscar.<sup>3</sup>

As teses a que se refere o autor são: **“A Ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, “A Ideologia tem existência material” e “ A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”**.

No livro “Sobre a Reprodução”, Althusser faz duas observações antes de se dedicar a explicar suas teses a respeito da ideologia. A primeira observação diz respeito à afirmação de que **“a ideologia não tem história”**, tese que vai buscar defender em seu sentido positivo afirmando,

se é verdade que o caráter próprio da ideologia é ser dotada de uma estrutura e de um funcionamento tais que estes a transformam em

---

<sup>3</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 195

uma realidade não-histórica, isto é, oni-histórica no sentido de que essa estrutura e esse funcionamento estão presentes, *sob uma mesma forma, imutável*, no que se chama a *história* inteira, no sentido de que o *Manifesto* define a história como a história da luta de classes, isto é, *a história das sociedades de classes*.<sup>4</sup>

Ao afirmar que “a ideologia não tem história” o faz, segundo ele, retomando Freud em sua proposição de que “o inconsciente é eterno”, isto é, não tem história. Tomando por eterno o que não transcende a qualquer história (temporal), mas onipresente, portanto,

imutável sob sua forma em toda extensão da história, irei ao ponto de retomar, palavra por palavra, a expressão de Freud e escreverei: *a ideologia é eterna*, do mesmo modo que o inconsciente. E, antecipando em relação às pesquisas necessárias e, daqui em diante, possíveis, acrescentarei que essa aproximação é teoricamente justificada pelo *fato* de que a eternidade do *inconsciente* está baseada, em última instância, na eternidade da *ideologia* em geral.<sup>5</sup>

Essa argumentação leva Althusser a afirmar poder propor a necessidade de uma teoria da ideologia em geral no mesmo sentido da proposição apresentada por Freud, uma teoria do inconsciente em geral.

A segunda observação a que o autor se refere é sobre a **Repressão e Ideologia**, aqui faz observações sobre o semanário anarquista “**Action**”, criticando a concepção anarquista, afirmando que essa substitui a exploração pela repressão ou a exploração pensada como uma forma de repressão; outra crítica que faz ao semanário e à própria concepção anarquista, é a substituição da ideologia pela repressão.

A observação de Althusser à concepção anarquista tem como objetivo reafirmar a ideologia como instrumento de persuasão e não como elemento de repressão e de mostrar os mecanismos que a ideologia utiliza para levar os indivíduos a agir sozinhos sem a necessidade de agentes de repressão.

Nessa polêmica com os anarquistas, o autor aponta para a necessidade de uma teoria da ideologia que mostre concretamente como funciona a ideologia em seu nível mais

---

<sup>4</sup> Ibid,197

<sup>5</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 198

concreto, no nível dos sujeitos individuais, isto é, dos homens tais como existem, em sua individualidade concreta, em sua vida cotidiana. Portanto,

é indispensável, teórica e politicamente, mostrar através de quais mecanismos a ideologia “leva na conversa” os homens, isto é, os indivíduos concretos, quer estes “atuem” a serviço da exploração de classe, ou “façam”, a Longa Marcha que desembocará, mais depressa do que se possa pensar, na Revolução nos países capitalistas ocidentais, portanto, também na própria França.<sup>6</sup>

Aqui o autor aponta a ideologia, não só a serviço da conservação social, mas também, como um dos instrumentos para a transformação social, indicando a possibilidade de se constituírem Sujeitos interpeladores comprometidos com a transformação da sociedade capitalista.

Voltando as três teses sobre a ideologia em geral, Althusser apresenta a primeira afirmando que:

**A ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.**

Essa tese incide “sobre o objeto que é representado sob a forma imaginária da ideologia”; Althusser rompe com todas as conceitualizações da ideologia como “falsa consciência”. Em sua tese, o autor argumenta que o representado na ideologia são as relações imaginárias que os indivíduos têm com a realidade e não a própria realidade.

Com relação a esta primeira tese: “*A Ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência*”<sup>7</sup>. Althusser afirma no livro “Aparelhos Ideológicos de Estado”:

não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os “homens” “se representam” na ideologia, o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua relação com as suas condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e portanto imaginária do mundo real. É nesta relação que está a “causa” que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ibid, 202-203

<sup>7</sup> Idem, Aparelhos Ideológicos de Estado, 85

<sup>8</sup> Ibid, 87

Segundo Althusser, o que está representado na ideologia não é uma representação das reais condições de existência, “mas uma representação de uma (imaginária) *relação de indivíduos com estas condições reais de existência*”<sup>9</sup>.

Portanto, a ideologia passa a ser entendida no terreno da prática-social e como uma instância específica de determinada formação social. Nesse sentido, o autor formula sua segunda tese, a de que **“a ideologia tem uma existência material”** na prática ou práticas nos Aparelhos Ideológicos de Estado:

...vejamos o que se passa com os indivíduos que vivem na ideologia, isto é, numa representação do mundo determinada (religiosa, moral etc.) cuja deformação imaginária depende de sua relação imaginária com suas condições de existência, ou seja, em última instância das relações de produção e de classe (ideologia = relação imaginária com as relações reais). Diremos que esta relação imaginária é em si mesma dotada de uma existência material.<sup>10</sup>

Em outras palavras, a ideologia materializa-se nos atos dos indivíduos. Para demonstrar sua tese, utiliza a religião como exemplo da materialidade da ideologia:

... a existência das idéias de sua crença é material, pois suas idéias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as idéias do dito sujeito...

As idéias desaparecem enquanto tais (enquanto dotadas de uma existência ideal, espiritual), na medida mesma em que se evidenciava que sua existência estava inscrita nos atos das práticas reguladas por rituais definidos em última instância por um aparelho ideológico. O sujeito portanto atua enquanto agente do seguinte sistema (enunciado em sua ordem de determinação real): a ideologia existente em um aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais regulares por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Gregor MCLENNAN, Victor MOLINA, Roy PETERS. A teoria de Althusser sobre ideologia, In: Da Ideologia, 124

<sup>10</sup> Louis ALTHUSSER, Aparelhos Ideológicos de Estado, 89-90

<sup>11</sup> Ibid, 91-92

A tese sobre a existência material da ideologia, ou da ideologia como práticas sociais, também aparece no texto “A transformação da filosofia”, em que o autor reafirma:

as práticas sociais e as idéias que os homens fazem delas estão estreitamente relacionadas. Pode dizer-se que não há prática sem ideologia e que qualquer prática, incluindo a científica, se realiza através de uma ideologia. Em todas as práticas sociais (quer pertençam ao domínio da produção económica, ao da ciência, ao da arte, ao do direito, ao da moral ou da política), os homens que actuam estão submetidos às ideologias correspondentes, independentemente da sua vontade e mais ou menos com uma total ignorância do assunto.<sup>12</sup>

No que se refere à ideologia em Althusser, a noção de sujeito é central e enuncia duas teses simultâneas, “1- só há prática através de e sob uma ideologia. 2 - só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”<sup>13</sup>. A partir dessas duas teses, o autor formula a terceira tese sobre a ideologia em geral: “**A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeito**”<sup>14</sup>, caracterizando a função da ideologia enquanto constituidora de indivíduos concretos em sujeitos e seu efeito elementar, o de impor (sem parecer que o faz, pois se trata de “evidências”).

as evidências como evidências, que não podemos deixar de *reconhecer* e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! É exatamente isso! É verdade!”.

É nesta reação que se exerce a função de *reconhecimento* ideológico, que é uma das duas funções da ideologia enquanto tal (sendo o *desconhecimento* a sua função inversa).<sup>15</sup>

Ao colocar que a ideologia interpela o indivíduo e o constituindo em sujeito, supõe a existência de um outro Sujeito, o que interpela o sujeito interpelado. O Sujeito interpela o indivíduo e esse se reconhecendo na interpelação se constitui em sujeito daquela interpelação.

---

<sup>12</sup> Idem, A transformação da filosofia, 42

<sup>13</sup> Louis ALTHUSSER, Aparelhos Ideológicos de Estado, 93

<sup>14</sup> Ibid, 93

<sup>15</sup> Ibid, 94-95

Então formula um quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal. O sistema comporta: 1- os indivíduos são interpelados como sujeitos, 2- a submissão do sujeito ao Sujeito, 3- os sujeitos se reconhecem mutuamente e em relação ao Sujeito e 4- tudo funciona bem no reconhecimento dos sujeitos:

... envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos “caminham”, eles “caminham por si mesmos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos” que provocam a intervenção de um ou de outro setor do aparelho (repressivo) do Estado. Mas a imensa maioria dos (bons) sujeitos caminha “por si”, isto é, entregues à ideologia (cujas formas concretas se realizam nos Aparelhos ideológicos do Estado). Eles se inserem nas práticas governadas pelos rituais dos AIE.<sup>16</sup>

As teses sobre a ideologia, apresentadas pelo autor, têm como objetivo possibilitar esclarecimentos de alguns aspectos do funcionamento da Superestrutura e de sua forma de intervenção na Infraestrutura. Esta preocupação do autor em dar um lugar muito particular à ideologia, pode ser encontrada de forma mais explícita no texto “Práctica Teórica y Lucha Ideológica”,

devemos dar à ideologia um lugar muito particular: para compreender sua eficácia, é necessário situá-la na *superesrtrutura*, e dar-lhe uma relativa autonomia com respeito ao direito e ao estado. Mas ao mesmo tempo, para compreender sua forma de presença mais geral há que considerar que a ideologia se introduz em todas as partes do edifício e que constituem esse *cimento* de natureza particular que assegure o ajuste e a coesão dos homens em seus papéis, suas funções e suas relações sociais.<sup>17</sup>

A opção de começar esse texto com a questão da ideologia foi na tentativa de deixar claro como Louis Althusser pensa os mecanicos gerais de ação da ideologia e especificamente nos Aparelhos Ideológicos de Estado e em particular na escola.

## **O Estado e seus Aparelhos:**

---

<sup>16</sup> Ibid, 103

<sup>17</sup> Idem, Práctica Teórica y Lucha Ideológica, In: La Filosofía como Arma de la Revolución, 51



Com relação ao Estado e seus aparelhos vou me ater neste item no texto “Sobre a Reprodução”, uma vez que este contém escritos que no texto da década de 70 omite, desde parágrafos inéditos, como os itens; "Instituições públicas e privadas", "Os aparelhos ideológicos de Estado e os subprodutos ideológicos de suas práticas", "O duplo funcionamento dos aparelhos de Estado e sua ação concertada" e a "Fragilidade e solidez dos Aparelhos Ideológicos de Estado".

Além dos pontos inéditos acima apontados o texto "Sobre a Reprodução" traz mais dois capítulos com os títulos: "Breves observações sobre os Aparelhos Ideológicos políticos e sindical da formação social capitalista francesa" e "Os Aparelhos ideológicos de Estado político e sindical".

Na formulação do conceito de Estado, Althusser parte do legado de Marx, Engels e Lênin afirmando que a concepção desses autores é descritiva e que apesar de conter pontos essenciais para a compreensão do Estado numa sociedade de classes é necessário avançar em sua formulação. Com relação aos pontos essenciais dos clássicos a respeito do Estado, Althusser os enumera.

1. O Estado é o Aparelho (repressor) de Estado;
2. É necessário estabelecer a distinção entre o Poder de Estado e o Aparelho de Estado;
3. O objetivo da luta de classes diz respeito à posse do Poder de Estado e, por conseqüência, à utilização do Aparelho de Estado pelas classes (ou aliança de classes ou frações de classes) detentoras do poder de Estado, em função de seus objetivos de classe;
4. O proletariado deve assenhorear-se do Poder de Estado para destruir o aparelho de Estado burguês existente e, em uma primeira fase, a da ditadura do proletariado, substituí-lo por um Aparelho de Estado completamente diferente, proletário, e depois, nas fases ulteriores, instalar um processo radical, o da destruição do Estado (fim do poder de Estado e de qualquer Aparelho de Estado).<sup>18</sup>

Segundo Althusser, os clássicos do marxismo tinham uma compreensão do Estado como uma realidade mais complexa do que a descrita por eles, citada acima, e afirma que a “prática política da luta de classes proletária” já tinha levado os clássicos do marxismo à compreensão da complexidade do Estado. A partir dessas afirmações nosso

---

<sup>18</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 101

autor se propõe a esboçar uma teoria correspondente a esse conhecimento acumulado pela experiência da luta de classes e já reconhecida pelos clássicos mas não teorizada.

Em sua proposta de formulação teórica, Althusser inicia apresentando a tese de que

é indispensável levar em consideração não só a distinção entre *Poder de Estado* (e seus detentores) e *Aparelhos de Estado*, mas também uma outra “realidade” que se encontra, manifestamente, do lado do Aparelho repressor de Estado, *mas não se confunde com ele*; corremos o risco teórico de designá-la por *Aparelhos ideológicos de Estado*. O ponto preciso de intervenção teórica diz respeito, portanto, a esses Aparelhos ideológicos de Estado na sua diferença em relação ao Aparelho de Estado, no sentido de Aparelho repressor de Estado.<sup>19</sup>

A partir dessa primeira tese, nosso autor passa a denominar Aparelho repressor de Estado, o que os clássicos designavam por Aparelho de Estado, e Aparelhos ideológicos de Estado esta realidade da superestrutura, que faz parte do Estado, e que se distingue do aparato repressor. É sobre a “nova” realidade, AIE, que ele se debruça para formular sua contribuição no desenvolvimento da teoria marxista do Estado<sup>20</sup>.

Antes de dar a definição do que são os Aparelhos ideológicos de Estado ele lista vários aparelhos (aparelho escolar, familiar, religioso, político, sindical, da informação, da edição-difusão e o cultural) e faz três observações a respeito desses aparelhos.

Primeira observação.

Pode-se notar, empiricamente, que a cada AIE corresponde o que se chama de “instituições” ou “organizações”...

Segunda observação.

<sup>19</sup> Ibid, 102

<sup>20</sup> O conceito de Estado ampliado e do aparato ideológico deste Estado, também aparece no texto “O Estado, O Poder, O Socialismo” de Nicos Poulantzas. Nele o autor afirma: “O Estado tem um papel essencial nas relações de produção e na delimitação-reprodução das classes sociais, porque não se limita ao exercício da repressão física organizada. O Estado também tem um papel específico na organização das relações ideológicas e da ideologia dominante”p.33, ainda neste mesmo texto o autor afirma: “a ideologia dominante invade os aparelhos de estado, os quais igualmente têm por função elaborar, apregoar e reproduzir esta ideologia, fato que é importante na constituição e reprodução da divisão social do trabalho, das classes sociais e do domínio de classe. Esse é por excelência o papel de certos aparelhos oriundos da esfera do Estado, designados *aparelhos ideológicos de Estado*, mesmo que pertençam formalmente ao Estado o conservem um jurídico ‘privado’: Igreja (aparelho religioso), aparelho escolar, aparelho oficial de informações (rádio, televisão), aparelho cultural etc.”p.33-34.

Para cada AIE, as diferentes instituições e organizações que o constituem formam um sistema.

Terceira observação.

Constatamos que as instituições existentes em cada AIE, seu sistema e, portanto, cada AIE, embora definido como *ideológico*, não é redutível à existência de “idéias” sem *suporte* real e material. Com isso, não quero dizer somente que a ideologia de cada AIE é realizada em instituições e práticas materiais, isso é evidente. Quero dizer outra coisa: que essas práticas materiais estão “*ancoradas*” em realidades não-ideológicas.<sup>21</sup>

A partir dessas observações, Althusser define o que são os Aparelhos ideológicos de Estado.

Um Aparelho ideológico de Estado é um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. Nas instituições, organizações e práticas desse sistema é realizada toda a Ideologia de Estado<sup>22</sup> ou uma parte dessa ideologia (em geral, uma combinação típica de certos elementos). A ideologia realizada em um AIE garante sua unidade de sistema “ancorada” em funções materiais, próprias de cada AIE, que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de “suporte”.<sup>23</sup>

Importante notar que as observações e a definição, acima referidas, dos Aparelhos ideológicos de Estado não aparecem na publicação do texto do início da década de setenta. Também há que se notar que as observações e a própria definição, no texto “Sobre a Reprodução”, referem-se aos Aparelhos ideológicos de Estado como um **sistema** formado por instituições e organizações. Importante destacar a formulação dos AIE como um sistema, em que cada instituição ou organização é uma peça do sistema, uma peça do aparelho ideológico e não o próprio aparelho.

Como último argumento, em defesa de seu conceito de Aparelho ideológico de Estado, Althusser reafirma que o argumento “juridicista” diz respeito a instituições e de que uma instituição **não** é um Aparelho ideológico de Estado.

<sup>21</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 103

<sup>22</sup> Quanto à definição de Ideologia de Estado, Althusser a define como reagrupamento de “um certo número de temas importantes, extraídos dos diferentes domínios da ideologia (religiosa, jurídica, moral, política, etc.), em um sistema que *resume* os ‘valores’ essenciais de que tem necessidade a dominação das classes que detêm o poder de Estado para ‘levar na conversa’ os explorados e os agentes da exploração e da repressão, assim como os agentes da ideologização, portanto, para garantir a reprodução das relações de produção”.in”: Sobre a Reprodução, 162

<sup>23</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a reprodução,104.

O que faz um Aparelho ideológico de Estado, é um *sistema* complexo que compreende e combina *várias* instituições e organizações, e respectivas práticas. Que sejam todas públicas ou todas privadas, ou que umas sejam públicas e outras privadas, trata-se de um detalhe subordinado, já que o que nos interessa é o *sistema* que constituem. Ora, esse sistema, sua existência e sua natureza não devem nada ao Direito, mas a uma realidade completamente diferente que designamos por Ideologia de Estado.<sup>24</sup>

Para melhor compreender os Aparelhos ideológicos de Estado, nosso autor indica a necessidade de se admitir “o seguinte fato paradoxal: não são as instituições que ‘produzem’ as ideologias correspondentes; pelo contrário, são *determinados elementos de uma ideologia (a ideologia de Estado)* que ‘se realizam’ ou ‘existem’ em instituições correspondentes, e suas práticas”<sup>25</sup>.

Essa afirmação leva Althusser a mais uma observação, a da existência de outras formas ideológicas, além da ideologia de Estado. Ele acentua que “as mencionadas instituições ‘produzam’, no âmago de si mesmas e em suas práticas, certas formas de ideologia inexplicáveis fora de suas práticas”<sup>26</sup>

Em sua formulação, distingue os elementos determinados da Ideologia de Estado que existem e realizam-se nos Aparelhos de Estado e suas práticas, na ideologia que é produzida no interior dos Aparelhos. A partir dessa distinção, passa a designar a ideologia de Estado por Ideologia Primária, e de ideologia secundária, a ideologia subproduto da prática em que se realiza a Ideologia Primária, a ideologia subordinada.

Ainda sobre a Ideologia Primária e a ideologia secundária, suas formulações e a importância de compreendê-las, Althusser refere-se a elas, afirmando que

as ideologias secundárias são produzidas por uma conjunção de causas complexas nas quais figuram, ao lado da prática em questão, o efeito de outras ideologias exteriores, de outras práticas exteriores – e, em última instância, por mais dissimulados que se encontrem, os efeitos mesmo longínquos, na realidade, muito próximo, da *luta de classes*.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Ibid, 108

<sup>25</sup> Ibid, 109

<sup>26</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 109

<sup>27</sup> Ibid, 110

Althusser, aqui, chama a atenção para a luta de classes e seus efeitos ideológicos como determinantes nas relações internas entre as formações ideológicas, produto da Ideologia Primária, e as subformações ideológicas secundárias.

Como método para compreender o que são as instituições e as subformações ideológicas secundárias, o autor indica a necessidade de compreender as

formações ideológicas que são do domínio da Ideologia de Estado que são realizadas nas citadas instituições e suas práticas. Com efeito, são elas que fornecem a chave não só das instituições e de suas práticas, mas também de uma parte das causas que produzem as subformações ideológicas que vemos aparecer nessas práticas.<sup>28</sup>

Esses esclarecimentos com relação aos Aparelhos ideológicos de Estado, vão levar Althusser a reafirmar, mais uma vez, a tese de que “os Aparelhos ideológicos de Estado são a realização, a existência de formações ideológicas que os dominam”<sup>29</sup>.

Portanto, o que está reafirmando é que as classes dominantes, ou frações de classe, no Poder de Estado, executam sua política de classe por meio dos Aparelhos repressores e ideológicos, mas isso não se realiza sem contradições “e que, em particular, as *subformações ideológicas*, ‘produzidas’ no interior dos Aparelhos por sua própria prática, façam, por vezes, ‘ranger as engrenagens’”<sup>30</sup>. Nesse trecho de seu texto, Althusser, abre uma nota de rodapé chamando a atenção para “nos lembrarmos da influência exercida aí pelos *efeitos da luta de classes* para ‘produzir’ essas subformações ideológicas”<sup>31</sup>.

A existência das subformações ideológicas, no interior dos AIE, a multiplicidade desses e a ausência de um comando centralizado, pode levar à falsa idéia de fragilidade dos aparelhos.

Com relação a luta de classes e o Estado, Althusser aponta a luta de classes política pela posse do Poder de Estado, como a primeira questão sobre o Estado, que essa posse é sempre a posse do Poder de Estado por uma classe social que dá o poder sobre os Aparelhos de Estado, sendo que estes compreendem dois tipos de Aparelhos: o Aparelho

---

<sup>28</sup> Ibid, 110

<sup>29</sup> Ibid, 112

<sup>30</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 114

<sup>31</sup> Ibid, 114

repressor de Estado, que se constitui em um corpo único e centralizado e os Aparelhos ideológicos de Estado, que são constituídos de múltiplos aparelhos.

Nosso autor reafirma a unidade geral do sistema de conjunto dos Aparelhos de Estado e seu papel em garantir as condições de exploração, através do ARE, e a reprodução das relações de produção dessa exploração pelos AIE, “Portanto, tudo repousa sobre a infra-estrutura das relações de produção, isto é, das relações de exploração de classe. A base, a infra-estrutura do Estado de classe, é efetivamente, como dizia Lenin, a *exploração*”.<sup>32</sup>

Para compreendermos, ao nosso juízo, o papel de instituições e organização que se contrapõe a ideologia dominante na sociedade, da classe dominante, no interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado podemos refletir sobre as referências que Althusser faz às organizações proletárias, ao Partido e ao sindicato na França, que são peças do sistema político e sindical, ou seja, são peças dos Aparelhos ideológicos de Estado. Ao se referir a existência de organizações proletárias, nos respectivos AIE burguês, essa presença,

não compromete radicalmente a natureza do sistema. A ideologia proletária não “ganhou” o sistema do AIE político ou sindical: pelo contrário, é sempre a Ideologia do Estado burguês que domina aí. É evidente que, em certas circunstâncias, tal situação irá criar “dificuldades” para o “funcionamento” dos AIE político e sindical burgueses. Mas, a burguesia dispõe de toda uma série de técnicas já comprovadas para enfrentar tal perigo.<sup>33</sup>

Ainda sobre a presença do Partido e do sindicato proletários, no interior dos AIE, esses travam a luta de classes nas formas legais, e a prática da luta de classes corre o risco de se pensar a luta de classes nos limites do interior dos AIE, nos limites e nas formas legais. Segundo Althusser, esse equívoco leva as organizações proletárias ao colaboracionismo de classe.

A luta de classes que impôs a presença do Partido e do sindicato proletários nos AIE correspondentes supera infinitamente a luta de classe muito limitada que eles venham a travar nesses AIE. Nascidas de uma luta de classe exterior aos AIE, amparadas por ela, encarregadas de ajudá-la e ampará-la por todos os meios legais,

---

<sup>32</sup> Ibid, 119

<sup>33</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 122

as organizações proletárias que figuram nos citados AIE trairiam sua missão se reduzissem a luta de classe exterior, que se limita a se refletir sob formas muito limitadas na luta de classe travada nos AIE, a essa luta de classe interior aos AIE.<sup>34</sup>

Nesse sentido é indicado pelo autor a possibilidade de existência de organizações e de instituições de ideologias antagônicas à Ideologia do Estado, no interior dos AIE. As organizações e instituições, de ideologias subordinadas à do Estado, são impostas pela luta de classes, do exterior para o interior dos AIE. Althusser mesmo admitindo a possibilidade dessas instituições aponta para os seus limites e para a própria razão de existirem como elementos que possam contribuir na luta de classes que se trava no exterior dos AIE.

Nos aparelhos ideológicos de Estado político e sindical, trata-se da luta de classes. Mas, cuidado: não se trata nem de toda a luta de classes, nem tampouco do terreno em que está enraizada a luta de classes. Trata-se de um campo em que a luta de classes reveste suas *formas legais*, cuja conquista tem a ver com uma história da luta de classes forçosamente exterior a essas formas legais. Uma vez que estas são conquistadas, a luta de classes exerce-se aí, nos limites mais ou menos reduzidos dessas formas, de qualquer modo, em seus limites rigorosamente definidos, ao mesmo tempo que se desenrola de maneira maciça *fora dessas formas*.<sup>35</sup>

Essas referências à luta de classes que se trava no interior do AIE político podem ser referências para compreensão dos vários AIE e a luta de classes, no interior desses e no interior das instituições e organizações, que as compõem.

## **Aparelho Ideológico de Estado escolar e a Escola**

Para compreendermos o papel do AIE escolar e da própria escola é necessário retomar a distinção que o autor faz entre o Aparelho ideológico de Estado escolar e a escola, ou seja, o Aparelho ideológico escolar, como os outros aparelhos ideológicos, é um **sistema** formado por instituições e organizações escolares e suas práticas, independente de

---

<sup>34</sup> Ibid, 123

<sup>35</sup> Ibid, 129

serem públicas ou privadas. Portanto a escola, enquanto instituição, é um elemento do Aparelho ideológico de Estado escolar e não o próprio AIE escolar. Althusser define AIE como um **sistema** complexo que compreende e combina várias instituições e organizações e suas respectivas práticas.

Com relação ao Aparelho ideológico de Estado escolar, ele deve ser entendido como um **sistema**, dentre os vários que compõem o Estado, que tem como objetivo reproduzir as relações de produção; na sociedade capitalista o de reproduzir as relações de dominação capitalista, portanto reprodução de relações de exploração<sup>36</sup>.

Portanto, a análise da escola enquanto reprodutora das relações de produção e espaço da luta de classes que se trava com maior ou menor intensidade no seu interior, deve ter como ponto de partida a concepção de ideologia em geral formulada por Althusser. Recuperar o conceito de ideologia em geral, apresentado no primeiro parte deste texto, faz-se necessário para compreender os limites e as contribuições que a luta ideológica pode dar na transformação social, uma vez que a

conceitualização em torno da ideologia em geral aplica-se a qualquer ideologia, mesmo àquelas ideologias “de classes” não comprometidas com um processo de reprodução ou no funcionamento dos AIE. Se a tese sobre ideologia em geral também se aplica diretamente a uma ideologia revolucionária, é agora uma questão aberta.<sup>37</sup>

Com relação à concepção althusseriana de ideologia em geral e de suas três teses, a “A ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, a “A Ideologia tem uma existência material” e “A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, podem ser pensadas a partir do AIE escolar e de suas instituições e da luta ideológica, enquanto uma das formas da luta de classes, que se trava entre a ideologia dominante e as ideologias subordinadas.

---

<sup>36</sup> Marx e Engels, no “Manifesto do Partido Comunista”, ao responder às críticas da burguesia à proposta de educação dos comunistas, apontam a relação da educação e da escola como instrumento de reprodução das relações sociais, afirmam os autores: “Mas, dizeis, suprimimos as relações mais íntimas ao substituírmos a educação doméstica pela social. E não está também a vossa educação determinada pela sociedade? Pelas relações sociais em que educais, pela intromissão mais directa ou mais indirecta da sociedade, por meio da escola, etc? Os comunistas não inventaram a acção da sociedade sobre a educação; apenas transformam o seu carácter, arrancam a educação à influência da classe dominante” p.50-51.

<sup>37</sup> Gregor MCLENNAN, Victor MOLINA, Roy PETERS. A teoria de Althusser sobre ideologia, In: Da Ideologia, 124.



Quanto à primeira e a segunda teses, essas possibilitam pensar a ideologia, também, no âmbito das escolas, como práticas-sociais, que nas formações sociais capitalistas representam relações de exploração que pressupõe-se relações de dominação, portanto a existência de segmentos dominados que podem tomar para si a tarefa de resistência a dominação e exploração da classe dominante.

Com referência especificamente à segunda tese, pode-se inferir que a existência de ideologias subordinadas (dominadas) no interior das escolas e do próprio AIE escolar, significa a existência da participação de indivíduos em práticas que não condizem com a reprodução das relações de produção dominantes e, portanto, podem contribuir na luta ideológica (luta de classes).

Quanto à terceira tese, “A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, supõe a existência de Sujeitos interpeladores e de sujeitos interpelados, sendo esse último constituído a partir do reconhecimento e da submissão aos Sujeitos interpeladores.

As inferências possíveis no âmbito da escola e do AIE escolar passam pela compreensão dos Sujeitos interpeladores, enquanto Sujeitos ideológicos, que por sua vez são constituídos fora da escola e do AIE escolar, mas que se materializam em práticas no interior desses enquanto tese de uma concepção de ideologia em geral, a constituição de Sujeitos interpeladores é válida para as ideologias dominantes como também para as ideologias dominadas.

Portanto, a lógica anterior leva a reconhecer a existência, no interior das escolas e do AIE escolar, como nos outros AIE, de Sujeitos interpeladores de ideologias dominadas, estes interpelam e submetem sujeitos que se reconhecem nessa interpelação, constituindo-se em “maus sujeitos” que não caminham como a imensa maioria dos “bons sujeitos”, sendo que esses caminham por si e entregues à ideologia dominante, cujas formas concretas se realizam no AIE escolar e, portanto também nas escolas.

A partir do afirmado sobre os AIE, portanto, também no Aparelho ideológico escolar e suas instituições (escolas), de que eles não produzem as ideologias, mas é neles que elas se realizam, nesse sentido, podemos afirmar que a ideologia dominante existe nas instituições escolares como elementos da ideologia de Estado no interior destas instituições. Como também, deve-se retomar a afirmação do autor ao reconhecer a existência de outras ideologias que não a do Estado no interior do AIE escolar produzidas como subproduto (ideologia subordinada) da prática em que se realiza a Ideologia de

Estado. Importante destacar que Althusser, ao se referir às ideologias subordinadas (ideologias secundárias) e à ideologia dominante (ideologia primária) indica que, elas apresentam-se como produto da luta de classes no interior dos AIE, portanto presentes também, no escolar e em suas instituições.

Com relação à luta de classes, no interior das escolas, partindo-se das referências sobre os Aparelhos ideológicos sindical e político, podemos inferir que com relação à escola, Althusser também a compreende como um espaço da luta de classes, mantendo a advertência de que a luta que se trava na escola, como em qualquer outro elemento de qualquer AIE, é limitada, uma vez que a luta de classes nasce externamente a eles, portanto é fora dos AIEs que a luta de classes será determinante, em última instância, para a transformação social.

O que não nos impede de reconhecer a escola como espaço de contradições, que se apresentam como produto da luta de classes. Apesar dos limites dessa, no interior do AIE escolar, como nos outros AIE, o autor aponta para a importância da luta de classes, no interior deles (portanto, no escolar, também) para a revolução, sendo a escola um dos espaços onde se desenrola a guerra de longa duração

Todos nós sabemos que a luta de classes no Aparelho repressor de Estado, na polícia, nas forças armadas e, até mesmo, na administração constitui, em tempo “normal”, senão uma causa praticamente perdida, pelo menos uma operação muito limitada. Em compensação, a luta de classes nos Aparelhos ideológicos de Estado é coisa possível, séria e pode ir muito mais longe porque nos aparelhos ideológicos de Estado que os militantes e, em seguida, as massas adquirem a experiência política antes de “levá-la até o fim”. Não é por acaso que Marx dizia que é *na ideologia* que os homens tomam consciência de seus interesses e travam sua luta de classe até o fim.<sup>38</sup>

A luta de classes, no interior das escolas, é predominantemente luta ideológica, é a luta pela manutenção da ideologia hegemônica das classes dominantes e a luta de resistência à essa imposição e a busca da construção de uma nova hegemonia. A escola em seu papel de transmissora da cultura das classes dominantes, se constitui em importante instrumento de construção e manutenção da hegemonia ideológica, através do ensino e de outras formas ideológicas no interior das mesmas. Althusser, ao se referir a esse

---

<sup>38</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 176

mecanismo, no interior das escolas, chama a atenção para a existência de ideologias dominadas, que, mesmo sem serem reconhecidas, coexistem e resistem à imposição da ideologia de Estado. Afirma:

A “cultura” que se ensina nas escolas não passa efectivamente de uma *cultura em segundo grau*, uma cultura que “cultiva” visando um número, quer restrito quer mais largo, de indivíduos desta sociedade, e incidindo sobre objectos privilegiados (letras, artes, lógica, filosofia, etc.), a arte de se ligar a estes objectos: como meio prático de inculcar a estes indivíduos normas definidas de conduta prática perante as instituições, “valores” e acontecimentos desta sociedade. A cultura é ideologia de elite e/ou de massa de uma sociedade dada. Não a *ideologia real das massas* (pois em função das oposições de classe, há várias tendências na cultura): mas a ideologia que a classe dominante tenta inculcar, directa ou indirectamente, pelo ensino ou outras vias, e num fundo de discriminação (cultura para elites, cultura para as massas populares) às massas que domina. Trata-se dum empreendimento de carácter *hegemónico* (Gramsci): obter o *consentimento* das massas pela ideologia difundida (sob as formas da apresentação e da inculcação de cultura). A ideologia dominante é sempre imposta às massas contra certas tendências da sua própria cultura, que não é reconhecida nem sancionada mas resiste.<sup>39</sup>

Essas afirmações levam a indicar a necessidade de se pensar a escola como reprodutora das relações de produção e, ao mesmo tempo, como importante locus da luta de classes, que se apresenta, predominantemente, como luta ideológica. Quanto à importância que o autor dá à luta de classes, no interior das escolas, pode ser percebida ao afirmar que a escola na sociedade burguesa é a substituta da igreja na Idade Média, período em que era o principal Aparelho ideológico de Estado.

Segundo Althusser, na sociedade moderna (formações sociais capitalistas) a escola passa a ser a instituição, junto com a família, que mais tempo fica com as crianças em seus períodos mais “vulneráveis” à inculcação ideológica. O autor justifica a predominância do AIE escolar, nas formações sociais capitalistas, uma vez que a reprodução das relações capitalistas de exploração é obtida principalmente através de uma “aprendizagem de alguns saberes contidos na inculcação maciça da ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma

---

<sup>39</sup> Louis ALTHUSSER, *Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas*, 44

formação social capitalista, ou seja, as relações entre exploradores e explorados, e entre explorados e exploradores”<sup>40</sup>

Mesmo considerando que o autor se refere à realidade dos países desenvolvidos da Europa, em que o período diário dos alunos, nas escolas gira em turnos de seis a oito horas, e que, nos países subdesenvolvidos, ou “em desenvolvimento”, a jornada escolar se reduz à metade dos países europeus, isso sem falar das crianças que não têm acesso ao ingresso e das que evadem nos primeiros anos de escola. A problemática, a de que a escola pode não ser o principal Aparelho ideológico de Estado, nas formações sociais subdesenvolvidas e “em desenvolvimento”, e que a mídia, nessas formações sociais, pode ocupar o papel de principal AIE de interpelação dos sujeitos, não significa minimizar o papel que a escola tem na reprodução das relações de produção da sociedade capitalista ao transmitir saberes e práticas escolares que fazem com que os sujeitos criem que as relações sociais existentes são boas e desejáveis.

#### Para Althusser a escola

recebe as crianças de todas as classes sociais desde o Maternal e, a partir daí, com os novos e igualmente com os antigos métodos, ela lhes inculca, *durante anos e anos*, no período em que a criança é mais “vulnerável”, *imprensada* entre o aparelho de Estado Família e o aparelho de Estado Escola, determinados “savoir-faire” *revestidos* pela ideologia dominante (língua materna, cálculo, história natural, ciências, literatura), ou muito simplesmente *a ideologia dominante em estado puro* (moral e cívica, filosofia). Em determinado momento, aí pelos cartoze anos, uma grande quantidade de crianças vai parar “na produção”: virão a constituir os operários ou os pequenos camponeses. Uma outra parte da juventude continua na escola: e haja o que houver, avança ainda um pouco para ficar pelo caminho e prover os postos ocupados pelos pequenos e médios quadros, empregados, pequenos e médios funcionários, pequenos burgueses de toda a espécie. Uma última parcela chega ao topo, seja para cair na subocupação ou semidesemprego intelectuais, seja para fornecer os agentes da exploração e os agentes da repressão, os profissionais da ideologia (padres de toda a espécie, a maioria dos quais são “laicos” convictos) e também agentes da prática científica.<sup>41</sup>

<sup>40</sup> Louis ALTHUSSER, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, 80

<sup>41</sup> Louis ALTHUSSER, *Sobre a Reprodução*, 168

Importante destacar o acentuado papel da escola na seleção dos sujeitos aos postos de trabalho a partir do número de anos de frequência escolar, à qual se pode acrescentar os sujeitos que ocupam postos de trabalhos sem qualquer escolaridade. Ou seja, a escola continua cumprindo seu papel de reprodutora das relações sociais, também ao negar acesso ao ingresso a uma parte dos filhos dos trabalhadores. Althusser acrescenta que essa seleção para as diferentes ocupações no processo de produção também é acompanhada da inculcação do fracasso, do sucesso, do acerto e do erro dos sujeitos, que passaram pela escola com períodos diferenciados; aqui também, pode-se acrescentar os que não ingressaram nas mesmas, eles também são selecionados para ocupar determinados postos na produção.

O que devemos, também, destacar é a relação que o autor faz da formação ideológica e a divisão do trabalho, a ocupação dos postos de trabalho pelos trabalhadores no processo de produção e as relações entre estes e o capital, ou seja, a relação do tempo de formação escolar cultural/ideológica e os postos de trabalho e os papéis que ocupam na produção.

Outra importante referência do autor à ideologia da classe dominante e às formas de conhecimento que se aprendem na escola, é que a escola, através de determinados conhecimentos, é eficiente instrumento de inculcação da ideologia das classes dominantes, e reproduz as relações de produção de determinadas formações sociais capitalistas,

encobertos e dissimulados por *uma ideologia da Escola que reina à escala universal*, já que se trata de uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como neutra, desprovida de ideologia (na medida em que ...é laica), na qual os professores, respeitadores da “consciência” e da “liberdade” das crianças que lhes são confiadas (com toda a confiança) pelos “pais” (os quais são também livres, isto é, *proprietários* dos filhos), levam-nas a ter acesso à liberdade, à moralidade e à responsabilidade de adultos através de seu próprio exemplo, pelos conhecimentos, pela Literatura e pelas virtudes “libertadoras” bem conhecidas do Humanismo literário ou científico.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Ibid, 169

Com relação aos professores, Althusser aponta duas posturas diferentes entre eles: uma primeira, em que os professores tentam, através das armas científicas e políticas, que encontram na história e no saber que ensinam, se contrapõem à ideologia dominante, ao sistema e às práticas nas quais estão confinados; esses, segundo o autor, são raros. Um segundo grupo de professores, a imensa maioria, nem suspeita do trabalho que o sistema os obriga a fazer, e o fazem com empenho, entusiasmo, engenhosidade.

Tampouco [os professores] duvidam de que estão contribuindo com sua própria dedicação para manter e alimentar essa representação ideológica da Escola que, atualmente, torna a Escola tão “natural” e indispensável-útil e, até mesmo, benfazeja para nossos contemporâneos, como a Igreja era “natural”, indispensável e generosa para nossos antepassados de alguns séculos atrás. De fato, *atualmente, a Igreja foi substituída pela Escola*: esta dá-lhe continuidade e ocupa seu setor *dominante*, embora ligeiramente restrito (uma vez que a Igreja, não-obrigatória, e as forças armadas, obrigatórias e ... gratuitas como a Escola, lhe fazem companhia com todo o cuidado). É verdade que a Escola pode contar com a ajuda da Família, apesar das “dissonâncias” que, após o *Manifesto* ter anunciado sua dissolução, perturbam seu antigo funcionamento de Aparelho ideológico de Estado, outrora, particularmente seguro. Hoje em dia, já não é esse o caso: depois de Maio, as próprias famílias burguesas de posição mais elevada sabem algo do que isso significa – algo que as abala irreversivelmente e as deixa, muitas vezes, a “tremar”.<sup>43</sup>

Por fim, é necessário relativizar e situar essas afirmações do autor, no tempo e no espaço, final da década de sessenta e início da década de setenta do século passado na França, país europeu de grande desenvolvimento capitalista. Isso não significa que as condições hoje são melhores ou piores, ou que nos países subdesenvolvidos ou “em desenvolvimento” se diferenciam ou não das afirmações apresentadas. Mas essas afirmações podem contribuir em análises a respeito da escola e da luta de classes que se desenvolve no interior dela, permitindo compreender os limites e as contribuições que a luta ideológica, enquanto uma das formas da luta de classes, pode dar para a transformação social.

## **BIBLIOGRAFIA**

---

<sup>43</sup> Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 170

ALTHUSSER, Louis. Acerca del Trabajo Teórico. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.

\_\_\_\_\_. A Corrente Subterrânea do Materialismo do Encontro (1982). **Crítica Marxista**. Rio de Janeiro, Editora Revan, nº 20, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Favor de Marx**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

\_\_\_\_\_. A querela do humanismo. **Crítica Marxista**. São Paulo: Xamã, nº 9, 1999.

\_\_\_\_\_. A querela do humanismo II. **Crítica Marxista**. São Paulo: Boitempo, nº 14, 2002.

\_\_\_\_\_. A transformação da filosofia. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

\_\_\_\_\_. De *O Capital* à Filosofia de Marx. In: ALTHUSSER, L; RANCIÈRE, J; MACHEREY, P. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. v.1

\_\_\_\_\_. Elementos de autocrítica. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

\_\_\_\_\_. Freud e Lacan. In: **Freud e Lacan / Marx e Freud**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

\_\_\_\_\_. Ideología y Aparatos Ideológicos del Estado. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.

\_\_\_\_\_. La filosofía como arma de la revolución. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.

\_\_\_\_\_. **La Revolución Teórica de Marx**. 22ª edição. México: Siglo Veintiuno editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Lênin e a filosofia**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

\_\_\_\_\_. Lénine perante Hegel. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

\_\_\_\_\_. **Lo Que no Puede Durar en el Partido Comunista**. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores, 1978.

- \_\_\_\_\_. **Machiavelli e noi**. Roma:Manifestolibri srl, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Maquiavelo y nosotros**. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- \_\_\_\_\_. Marx e Freud. In: **Freud e Lacan / Marx e Freud**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.
- \_\_\_\_\_. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. In: ALTHUSSER BADIOU. **Materialismo Histórico e Materialismo Dialético**. 2ª edição. São Paulo: Editora Global,1986.
- \_\_\_\_\_. **Montesquieu a Política e a História**. Lisboa: Editorial Presença,1972.
- \_\_\_\_\_. O Futuro Dura Muito Tempo. In: **O Futuro Dura Muito Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. Objeto de *O Capital*. In: ALTHUSSER, L; BALIBAR, E; ESTABLET, R. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. v.2.
- \_\_\_\_\_. Os Fatos. **O Futuro Dura Muito Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Política e História: de Maquiavel a Marx**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. Práctica Teórica y Lucha Ideológica. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores,1997.
- \_\_\_\_\_. Resposta a John Lewis. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Seis Iniciativas Comunistas: Sobre el XXII Congreso del PCF**. Siglo XXI de España Editores, S.A., 1977.
- \_\_\_\_\_. Sobre Brecht e Marx. **Crítica Marxista**. Rio de Janeiro, Editora Revan, nº 24, 2007.
- \_\_\_\_\_. Sobre a relação entre Marx e Hegel. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Sustentação de tese em Amiens. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- CASSIN, M. Ideologia, trabalho e educação In: **4º Colóquio Marx e Engels**. Campinas: Centro de Estudos Marxistas-IFCH-UNICAMP, 2005.
- \_\_\_\_\_. Louis Althusser: o ressurgimento de um desaparecido. **Impulso**, Piracicaba,



v.11, p.111-126, 1999.

\_\_\_\_\_. Louis Althusser: referências para pesquisa em educação In: **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas : Autores Associados: Histedbr, 2005.

\_\_\_\_\_. Louis Althusser e a sua contribuição para a sociologia da educação In: **Marxismo e Ciências Humanas**. São Paulo : Xamã, 2003.

\_\_\_\_\_. Louis Althusser e o marxismo :polêmicas e contribuições In: **6º Colóquio Marx e Engels**. Campinas: Centro de Estudos Marxistas-IFCH-UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Louis Althusser e o Papel Político/Ideológico da Escola**, 2002. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP. Campinas.

MCLENNAN, G., MOLINA, V., PETERS, R.. A Teoria de Althusser sobre Ideologia. In: CENTER for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham (org.). **Da Ideologia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

POULANTZAS, Nicos. **As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Estado, o Poder, o Socialismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

\_\_\_\_\_. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. **Ciência e Revolução – o marxismo de Althusser** . Rio Janeiro: Civilização Brasileira,1980.